

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## S. GUALTER DE GUIMARÃES. ENSAIO BIOGRÁFICO.

GONÇALVES, Aloísio Tomás

Ano: 1925 | Número: 35

---

### Como citar este documento:

GONÇALVES, Aloísio Tomás, S. Gualter de Guimarães. Ensaio biográfico. *Revista de Guimarães*, 35 (3) Jul.-Set. 1925, p. 201-206.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# S. GUALTER DE GUIMARÃES

## ENSAIO BIOGRÁFICO

(Continuado da página 148 do volume anterior)

O culto de S. Gualter deve ter começado muito cedo, provavelmente logo a seguir à sua morte bem-aventurada.

Disso pequena dúvida pode haver, porque os documentos iconográficos e a tradição jamais interrompida são contestes na comprovação do facto.

Dos primeiros, isto é dos documentos escritos, já demos boa notícia, poucos mais restando dignos de especial menção, mas que aduziremos quando, ao diante, falarmos das festas com que, no decurso dos tempos, se comemorou a memória do venerável servo de Deus.

Agora passamos a ocupar-nos dos segundos, percorrendo a lista das esculturas e pinturas de que pudemos haver notícia.

\*

Na iconografia gualteriana avulta singularmente, tanto pela antiguidade, como pela grande importância documental, a effigie do santo que no velho cruzeiro normando do *Padrão da Vitória* veneramos.

Há quinhentos e trinta e seis anos que êsse venerando monumento vem atestando a devoção do povo vimaranense pelo discípulo de S. Francisco, que veio na pátria abençoada de D. Afonso Henriques fazer sua habitação terrena e dormir o sono derradeiro. Não foi,

é claro, expressa e determinadamente levantado para honrar a memória de S. Gualter. Ridículo seria tal coisa afirmar. A intenção do munificente fundador foi reunir numa consagração perene os vultos gloriosos daqueles bem-aventurados que a sua nobre terra natal aclamava padroeiros, ajuntando-lhe outros santos da sua particular devoção.

E' o padrão uma singela contrução ogival, coeva do rude campeador do Salado. E' contudo documento precioso da arte nacional — na parte que a ela diz respeito, — e por isso classificado entre elles como de segunda ordem.

Compõe-se o dito alpendre de quatro arcos, dvidosamente lançados, poisando sôbre outros tantos feixes de colunas suportadas por fortes cunhais, sustentando uma ligeira abóbada. No fecho de cada arco está embutido o escudo das armas portuguezas, tal como se usavam no tempo de D. Afonso IV; escudo que também se vê na face nordeste do pedestal da cruz.

Isto é o que em Portugal deve ter sido feito, porque a cruz propriamente dita, que o alpendre abriga e decora, veio de longe e tem uma história, que passamos a alinhar.

Vivia no século XIV, em tempos de El-rei D. Afonso IV, o bom e devoto mercador vimaranense Pero ou Pedro Esteves. Era homem de grosso cabedal e largas relações no estrangeiro; doutra sorte não ousaria abalançar-se à dispendiosa obra que hoje admiramos no átrio da Colegiada de Guimarães.

Ao cônego Gaspar Estaço se deve o não se ter perdido a memória de muitos pormenores respeitantes a êste opulento negociante.

Encontrou Estaço nos arquivos da Colegiada de N. Senhora da Oliveira um pergaminho, que leu como se segue:

«Snr. Affonso Peres tabaliam na vossa villa de Guimarães faço saber a v. m. q. na era de M.CCC.LXXX annos, oito dias de setembro foi posta a cruz na alvaria de Guimarães, a aduceu <sup>(1)</sup> li <sup>(2)</sup> P.º Steves nosso natural, filho, que foi de Stevo Garcia em outro

(1) conduziu (2) aí

tempo mercador de Guimarães, e a qual cruz G.º Steves iram do dito P.º Steves diz que foi vontade de Deus, que lhe deu a entender, que fosse a Normandia Anafrol. e que comprasse a dita cruz, e a ducesse a este lugar de Guimarães hu está assentada a par da Oliveira, a qual oliveira quando esta cruz apar della assentaron era seca, e da qual dia tres dias começou de reverdecer e deitar ramos, e eu A.º Peres tambaliam esto escrevi.» (1)

«O documento transcripto refere-se á inscripção e mostra-nos que a cruz foi levantada no dia 8 de setembro 1342», adverte acertadamente Albano Belino; inscripção que se lê numa lâmina de bronze, embutida no fuste da cruz, e diz assim :

A AONRA D DEVS ED SCÃ MARIA EPOR ESTA  
VILA MAIS ONRA DA SEER E O POBOO  
FEZ FAZER ESTA OBRA PERES TEVEZ D GVIMARAAES  
MERCADOR MORADOR EN LIXBOA FILHO D  
STEVÃ GCIA ED MTA PEZ NA E M CCC  
LXXX ANOS VIII DIAS D STENBRO MILAFEX

cuja leitura é: «A honra de Deus e de Santa Maria e por esta vila mais honrada ser o povo fez fazer esta obra Pero Esteves de Guimarães mercador morador em Lisboa filho de Estêvão Garcia e de Marta Peres na era de 1380 anos oito dias de setembro M. L. a fez.»

\*

Adornam a base da cruz oito estatuetas de pequeno tamanho, de cujas invocações, consagradas pela imortal tradição e corroboradas por bom número de escritores, dá notícia o P. Torquato Peixoto d'Azevedo por estas palavras: «Dentro do padrão está um crucifixo de pedra dourada e pintada, e lavrada com excellentes molduras, com a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo crucificado, a de Nossa Senhora, e S. João ao pé da cruz. E junto á de Nossa Senhora está a do

(1) Gaspar Estação, *Varias Antiquidades de Portugal*, pág. 177, cap. 481-1625.

hemaventurado S. Dámazo, e junto á do Evangelista, S. Torquato bispo, e da outra parte da cruz virada para o altar da Senhora da Victória, está Nossa Senhora do Rozario encostada no alto da cruz, e ao pé della á mão esquerda da Nossa Senhora, S. Filippe Apostolo, e da direita S. Gualter.» (1)

Sublinhamos as ultimas palavras por serem as que se prendem com o nosso assunto :

E' aquella esguia e pobre estátuazinha, carecida de primores artísticos, corroída do tempo e dos vendavais, negra e já meio disforme, se não o mais valioso, pelo menos, um importantissimo monumento da antiga e grande devoção dos vimaranenses ao amovável S. Gualter e do seu imemorial culto.

Veste hábito franciscano, igual no corte ao que usa o ramo da 1.<sup>a</sup> Ordem de S. Francisco, conhecido pelo nome de *Frades Menores*; hábito distinto do dos Capuchinhos e Menores Conventuais, como é notório, pela mucêta em forma de cone invertido, caindo pelas costas, e arredondado na frente.

Tem um livro aberto encostado ao peito, onde mal se distinguem duas siglas, cuja leitura é duvidosa, e com cuja interpretação não atinámos, por mais hipóteses que aventássemos. Mais acirrento se torna o inexplicável enigma, com a presença das duas aves que se vêem aos pés da imagem. São de tal modo in-características que se fica perplexo sobre o nome que se lhe poderá dar. O bico grosso, o corpo forte, a asa sólida, o lançamento do pescoço, dão-nos a impressão de dois corvos.

Mas corvos, — porquê? ¿ Queria o escultor dar nestas ariscas aves, amigas dos bosques situados cêrca de povoado, o hieroglífico da vida meio eremítica e tam retirada do devoto minorita? Mas se optamos por que as desajeitadas esculturas representem antes duas pombas, parece clara a intenção do artista em querer simbolizar a columbina e ingénua virtude do meigo cenobita. (2)

(1) *Memorias resuscitadas da Antiga Guimarães*, Pôrto, 1815, pág. 265.

(2) Não podemos calar, neste ponto, as dúvidas que nos têm assaltado à cêrca da genuína autenticidade da estátua como sendo

\*

Damos o segundo logar, entre as effgies da Santo, à pintura do côro da igreja de S. Francisco, a qual se pode considerar o comentário à estátua do cruzeiro.

E' a ultima na série das pinturas que adornam os estalos corais da referida igreja.

Tampouco possui mérito algum artístico concorrendo, de mais a mais, a deformá-la as abominações da grosseira brocha que a retocou evidentemente no intuito de avivar as velhas tintas que se desvaneciam.

A figura do Santo veste hábito de frade menor;

de S. Gualter. Calamos, porém, os motivos da nossa perplexidade ante o consenso de todos os escritores que a ela se referiram, e a voz da tradição popular, nunca discorde, — quanto podemos atestar — em afirmar ser aquella verdadeiramente a imagem de S. Gualter, e a venerá-la ininterrompidamente como tal. Contudo, não seria antes intenção de Pero Steves que se venerasse nela a memória de S. Francisco?

¿E não será o livro a síntese simbólica das Três Ordens que o Santo Patriarca fundou e para as quais escreveu Regras de vida?

¿E não serão as duas aves as representantes daquelas outras da sua espécie que ouviram as prédicas do extático poeta da Umbria?

¿Ou não estarão ali para nos recordar a fraternidade que entre os irracionais o espirito niístico de S. Francisco encontrou e revelou aos homens?

Não sabemos responder.

Mas pode muito bem ser que a tradição devota tenha feito uma dessas transições de invocatória, caso litúrgico nada infreqüente.

E' pois muito possível que a imagem venerada hoje sob a invocação de S. Gualter, o começasse a ser sob o nome de S. Francisco. Neste caso, o facto, duma impenetrável antiguidade, acusa grande recrudescência na devoção ao primeiro, e tam grande que suplantou a do illustre Patriarca. Para corroborar a nossa incerteza intervém o silêncio de Esperança. Nada nos diz este cronista sobre o famoso padrão e a aludida estátua. ¿Ignoraria êle que a effgie do Santo ai se encontra? Possível é, conquanto difficil de acreditar. Se bem que o facto de ter sido contemporâneo do P.<sup>o</sup> Torquato de Azevedo, que o atesta, nos induz a crer que certamente o ignorava. Ainda que pode ter uma expllicação na qualidade de vimaranense de que o P.<sup>o</sup> Torquato se gloria e ao P.<sup>o</sup> Esperança faltava.

Ou, muito simplesmente, ¿não acreditaria o historiador franciscano nesta versão? Mas também nos parece que nunca chegou a saber que, na cruz monumental, existia uma estátua com as características de frade minorita; porque nesse caso não deixaria de falar nela, quer ao tratar do Santo Fundador da Ordem dos Menores, quer ao tratar de S. Gualter.

tem aberto e contra o peito um livro em que se lê o versículo LEX DEI EJUS IN CORDE IPSIUS; destaca-se no branco amarelento e sujo do livro a mancha rubra dum coração, e sustenta na desarticulada mão direita uma construção indecisa, símbolo para o povo do convento por êle edificado, mas para os eruditos figura do «sepulchro glorioso em milagres». (1) Circunda-lhe a fronte luminosa auréola. (2)

(Continua).

T. G.

---

(1) Do altar da capela de S. Gualter demolida, ao que parece, quando da bárbara e estúpida transformação da igreja, em 1746, desapareceu uma effigie do Santo que o P.<sup>e</sup> Manuel da Esperança por estas palavras descreve: «A hum lado do sobredito altar está uma sua imagem com estas duas insígnias. Na mão direita a figura do sepulchro glorioso por milagres: na esquerda hum livro aberto encostado a o peito, o qual mostra a cordial affeição, com que elle guardava sempre o sagrado evangelho, pelas palavras seguintes. *Evangelium in corde meo servave* (sic). Na peanha apparece hua pedra do seu primeiro sepulchro entre alguns varões de ferro, por memoria das marauilhas passadas.» Como se vê, difere a *legenda* desta imagem da da pintura, conservando, contudo, a mesma indicação mística.

Quer-nos parecer que esta imagem ainda existe. Procurámo-la, contudo, em vão, por tôdas as igrejas de Guimarães. Existirá acaso com outro nome?

(2) Havia mais ainda outra pintura, venerada no alpendre ou galilé que resguardava a porta da igreja. Testemunha dela o citado P. M. da Esperança.